

GULLAR EM 5 D

1. Blackout

Musica. A voz do poeta entra sobre a música:

GULLAR (off) - A arte existe porque a vida não basta.

O som sobe e abaixa para a voz do poeta:

GULLAR (off) - Escrevo pelo que me espanta e me comove.

2. Junto com a luz surge Adriana Calcanhoto com seu implacável violão canta Traduzir-se com musica sua e letra do poeta.

ADRIANA CALCANHOTTO

Uma parte de mim é todo mundo
Outra parte é ninguém
Fundo sem fundo
Uma parte de mim é multidão
Outra parte estranheza e solidão
Uma parte de mim, pesa
Pondera
Outra parte, delira
Uma parte de mim almoça e janta
Outra parte se espanta
Uma parte de mim é permanente
Outra parte se sabe de repente
Uma parte de mim é só vertigem
Outra parte, linguagem
Traduzir uma parte noutra parte
Que é uma questão de vida ou morte
Será arte? Será arte ?

3. Entra no telão um super close do GULLAR recitando Barulhos extraído do filme O canto e a Furia.

GULLAR

Todo poema é feito de ar

apenas:
a mão do poeta
não rasga a madeira
não fere
o metal
a pedra
não tingem de azul
os dedos
quando escreve manhã
ou brisa
ou blusa
de mulher.

O poema
é sem matéria palpável
tudo
o que há nele
é barulho
quando rumoreja
ao sopro da leitura.

4. A imagem frisa e... Entra Nanini com a imensa cara do Gullar no fundo.

Boa noite a todos. Hoje nós celebramos a vida e a arte de Ferreira Gullar nas suas múltiplas dimensões de letrista, cronista, dramaturgo e artista plástico, além de nosso maior poeta vivo.

Vou dizer aqui uma coisa que vocês talvez não acreditem: nunca pensei em me tornar conhecido, muito menos famoso.

É verdade que sempre fui atrevido, pensando por minha conta e risco. Vocês, porém, poderiam alegar, contra minha suposta modéstia: não queria ser conhecido, mas seu primeiro emprego foi o de locutor de rádio...

É verdade, mas não o busquei, fui levado por um amigo que trabalhava na Rádio Timbira do Maranhão. Fiz o teste, fui aceito e, modestamente, adotei um pseudônimo: Afonso Henrique.

Aliás, o que mais tive na vida foram pseudônimos, em parte para fugir da polícia, é verdade.

Nada mais coerente, se não desejava ser conhecido, muito menos queria que o fosse pelos agentes do DOI-Codi.

Mas se eu não sonhava em ser famoso, por que me tornei poeta?

Sei que vocês não vão acreditar, mas a verdade é que jamais havia pensado em me tornar poeta, nem mesmo sabia que isso me tornaria conhecido. Veja bem, eu tinha 13 anos, nascido na família do quitandeiro Newton Ferreira, com dez irmãos e numa casa onde não havia livros; só havia exemplares da revista "Detective", leitura predileta de meu pai, enquanto eu e meus irmãos líamos histórias em quadrinhos. Talvez por isso, quando, pela primeira vez, li um poema, levei um susto.

Um susto bom, tão bom que tive vontade de escrever coisas bonitas como aquelas. Era uma ideia de jerico, sem muito propósito, já que, na minha infundada opinião, todos os poetas já haviam morrido (Camões, Bocage, Gonçalves Dias, Castro Alves) e, ainda assim, decidi entregar-me àquela atividade de defuntos.

A maior prova de que não queria ser conhecido foi trocar meu nome verdadeiro por um pseudônimo. Por isso mesmo, até hoje, quando alguém me pergunta se sou eu o poeta Ferreira Gullar, respondo: "Às vezes". Sim, porque, às vezes, sou José de Ribamar Ferreira; aliás, na maioria das vezes.

Mas o famoso não é ele, é o outro, o Gullar. E vejam vocês, embora o subversivo fosse o Gullar e não o Ribamar, no final das contas, para minha surpresa, era este e não o outro que a polícia da ditadura queria prender.

A verdade, porém, é que, querendo ou não, me tornei conhecido e, mais ainda, agora, ao ser eleito para a Academia Brasileira de Letras. Nunca fui tão cumprimentado e saudado nas ruas do bairro quanto agora. Descobri, assim, que, se a consagração erudita é dada pela crítica literária, a consagração popular é dada pela Academia Brasileira de Letras.

Agora sou saudado pelo vendedor de picolé, pelo barraqueiro da feira, pela moça do caixa do supermercado.

Não resta dúvida de que boa parte dessa popularidade se dá graças à televisão. Ainda assim, como explicar que um mendigo, imundo e seminu, murmure ao me ver passar: "Poeta Gullar, imortal!".

No fundo, todos repetem aquela mesma frase do cara, também bêbado, que, anos atrás, quando me viu atravessando a rua, gritou: "Ferreira Gullar, famoso e eu não sei quem é!".

Nem eu, tampouco.

5. Clip super caprichado das obras de arte do Gullar. Em off, a voz do poeta declama "Estranheza do mundo" com efeitos musicais abstratos.

Olho a árvore e indago: está aí para quê? O mundo é sem sentido quanto mais vasto é.

Esta pedra esta folha, este mar sem tamanho, fecham-se em si, merepelem.

Pervago em um mundo estranho.

Mas em meio à estranhezado mundo, descobrou uma nova beleza com que me deslumbro:

é teu doce sorriso, é tua pele macia, são teus olhos brilhando, é essa tua alegria.

Olho a árvore e já não pergunto "para quê"?

A estranheza do mundo se dissipa em você.

6. Com um fundo de chroma-key, Nanini lê a crônica/poema Verão

NANINI

Este fevereiro azul como a chama da paixão, nascido com a morte certa com prevista duração, deflagra suas manhãs sobre as montanhas e o mar com o desatino de tudo que está para se acabar.

A carne de fevereiro tem o sabor suicida de coisa que está vivendo, vivendo mas já perdida.

Mas como tudo que vive não desiste de viver, fevereiro não desiste: vai morrer, não quer morrer.

E a luta de resistência se trava em todo lugar: por cima dos edifícios, por sobre as águas do mar. O vento que empurra a tarde arrasta a fera ferida, rasga-lhe o corpo de nuvens, dessangra-a sobre a Avenida.

Vieira Souto e o Arpoador numa ampla hemorragia. Suja de sangue as montanhas, tinge as águas da baía. E nesse esquartejamento a que outros chamam verão, fevereiro ainda em agonia resiste mordendo o chão.

Sim, fevereiro resiste como uma fera ferida. E essa esperança doida que é o próprio nome da vida.

Vai morrer, não quer morrer. Se apega a tudo que existe: na areia, no mar, na relva. no meu coração - resiste.

7. Corta direto para foco em ...

LAILA GARIN com o cenário mais bonito possível dizendo "No corpo", sem declamar, coloquial.

De que vale tentar reconstruir com palavras
O que o verão levou
Entre nuvens e risos
Junto com o jornal velho pelos ares
O sonho na boca, o incêndio na cama,
o apelo da noite
Agora são apenas esta
contração (este clarão)
do maxilar dentro do rosto.
A poesia é o presente.

8. Sem corte, com apenas uma mudança de luz, vemos

PAULINHO DA VIOLA cantando ONDE ANDARÁS

Onde andarás nesta tarde vazia

Tão clara e sem fim

Enquanto o mar bate azul em Ipanema

Em que bar, em que cinema te esqueces de mim

Enquanto o mar bate azul em Ipanema

Em que bar, em que cinema te esqueces...
Eu sei, meu endereço apagaste do teu coração
A cigarra do apartamento
O chão de cimento existem em vão
Não serve pra nada a escada, o elevador
Já não serve pra nada a janela
A cortina amarela, perdi meu amor
E é por isso que eu saio pra rua
Sem saber pra quê
Na esperança talvez de que o acaso
Por mero descaso me leve a você
Na esperança talvez de que o acaso
Por mero descaso
Me leve... eu sei

9. Corta. Muda o cenário.

NANINI - crônica SOBRE O AMOR (editada)

 Houve uma época em que eu pensava que as pessoas deviam ter um gatilho na garganta: quando pronunciasse — *eu te amo* —, mentindo, o gatilho disparava e elas explodiam.

Era uma defesa intolerante contra os levianos e que refletia sem dúvida uma enorme insegurança de seu inventor. Insegurança e inexperiência.

Com o passar dos anos a idéia foi abandonada, a vida revelou-me sua complexidade e suas nuances. Aprendi que não é tão fácil dizer *eu te amo* sem pelo menos achar que ama e, quando a pessoa mente, a outra percebe, e se não percebe é porque não quer perceber, isto é: quer acreditar na mentira.

Claro, tem gente que quer ouvir essa expressão mesmo sabendo que é mentira. O mentiroso, nesses casos, não merece punição alguma. 
Por aí já se vê como esse negócio de amor é complicado e de

contornos imprecisos.

O verdadeiro amor é suicida. O amor, para atingir a ignição máxima, a entrega total, deve estar condenado: a consciência da precariedade da relação possibilita mergulhar nela de corpo e alma, vivê-la enquanto morre e morrê-la enquanto vive, como numa desvairada montanha-russa, até que, de repente, acaba.

E é necessário que acabe como começou, de golpe, cortado rente na carne, entre soluços, querendo e não querendo que acabe, pois *o espírito humano não comporta tanta realidade*, como falou um poeta maior.

E depois, enxugados os olhos, aberta a janela, lá estão as mesmas nuvens rolando lentas e sem barulho pelo céu deserto de anjos. O alívio se confunde com o vazio, e você agora prefere morrer. A barra é pesada. Quem conheceu o delírio dificilmente se habitua à antiga banalidade.

A mais delirante paixão, terminada, deixa esse sabor de impostura na boca, como se a felicidade não pudesse ser verdade. E no entanto foi, e tanto que é impossível continuar vivendo sem ela, normalmente. Ou sofrendo normalmente, como diz Chico Buarque.

Mais dia menos dia toda a lembrança se apaga e te surpreendes gargalhando, a vida vibrando outra vez, nova, na garganta, sem culpa nem desculpa. E chegas a pensar: quantas manhãs como esta perdi burramente! O amor é uma doença como outra qualquer. E é verdade. Uma doença ou pelo menos uma anormalidade.

Como pode acontecer que, subitamente, num mundo cheio de pessoas, alguém meta na cabeça que só existe fulano ou fulana, que é impossível viver sem essa pessoa? E reparando bem, tirando o rosto que era lindo, o corpo não era lá essas coisas... Na cama era regular, mas no papo um saco, e mentia, dizia tolices, e pensar que quase morro!...

10. PAULINHO DA VIOLA canta SOLUÇÃO DE VIDA (Molejo dialético)

Acreditei na paixão

E a paixão me mostrou

Que eu não tinha razão
Acreditei na razão
E a razão se mostrou
Uma grande ilusão
Acreditei no destino
E deixei-me levar
E no fim
Tudo é sonho perdido
Só desatino, dores demais
Hoje com meus desenganos
Me ponho a pensar
Que na vida, paixão e razão,
Ambas têm seu lugar
E por isso eu lhe digo
Que não é preciso
Buscar solução para a vida
Ela não é uma equação
Não tem que ser resolvida
A vida, portanto, meu caro,
Não tem solução.

11. COMO NASCE UM POEMA?

Em super close, extraído do filme O Canto e a Fúria Gullar explica e ilustra “Como nasce um Poema?”

12. Novamente diante do fundo mais bonito,

LAILA GARIN - A vida muda como a cor dos frutos / lentamente e para sempre / A vida muda como a flor em fruto / velozmente

(sobre uma base de hip hop delicada e discreta, só pra dar o ritmo)

Como dois e dois são quatro
Sei que a vida vale a pena
Embora o pão seja caro
E a liberdade pequena
Como teus olhos são claros
E a tua pele, morena
como é azul o oceano
E a lagoa, serena

Como um tempo de alegria
Por trás do terror me acena
E a noite carrega o dia
No seu colo de açucena

sei que dois e dois são quatro
sei que a vida vale a pena
mesmo que o pão seja caro
e a liberdade pequena.

13, NANINI diz Subversiva

A poesia
Quando chega
Não respeita nada.
Nem pai nem mãe nem ninguém.
Quando ela chega
De qualquer de seus abismos
Desconhece o Estado e a Sociedade Civil
Infringe o Código de Águas
Relincha
Como puta
Nova
Em frente ao Palácio da Alvorada.
E só depois
Reconsidera: beija
Nos olhos os que ganham mal
Embala no colo
Os que têm sede de felicidade
E de justiça.

E promete incendiar o país.

14. GULLAR video big close dizendo trechos do Poema Sujo (com trilha sonora em BG) Em letras grandes e transparentes passa pela tela POEMA SUJO.

bela bela
mais que bela
mas como era o nome dela?
Não era Helena nem Vera
nem Nara nem Gabriela
nem Tereza nem Maria
Seu nome seu nome era...
Perdeu-se na carne fria
perdeu na confusão de tanta noite e tanto dia
perdeu-se na profusão das coisas acontecidas
constelações de alfabeto
noites escritas a giz
pastilhas de aniversário
domingos de futebol
enterros cursos comícios
roleta bilhar baralho
mudou de cara e cabelos mudou de olhos e risos mudou de casa
e de tempo: mas está comigo está
perdido comigo
teu nome
em alguma gaveta

...

E depois de tanto
que importa um nome?
Te cubro de flor, menina, e te dou todos os nomes do mundo:
te chamo aurora
te chamo água
te descubro nas pedras coloridas nas artistas de cinema
nas aparições do sonho

...

Meu corpo nascido numa porta-e-janela da Rua dos Prazeres
ao lado de uma padaria sob o signo de Virgo
sob as balas do 24º BC

na revolução de 30
e que desde então segue pulsando como um relógio
num tic tac que não se ouve
(senão quando se cola o ouvido à altura do meu coração)
tic tac tic tac
enquanto vou entre automóveis e ônibus
entre vitrinas de roupas
nas livrarias
nos bares
tic tac tic tac
pulsando há 45 anos
esse coração oculto
pulsando no meio da noite, da neve, da chuva
debaixo da capa, do paletó, da camisa
debaixo da pele, da carne,
combatente clandestino aliado da classe operária
meu coração de menino.

15. NANINI - diz Não há vaga

O preço do feijão
não cabe no poema. O preço
do arroz
não cabe no poema.
Não cabem no poema o gás
a luz o telefone
a sonegação
do leite
da carne
do açúcar
do pão
O funcionário público
não cabe no poema
com seu salário de fome
sua vida fechada
em arquivos.
Como não cabe no poema
o operário
que esmerila seu dia de aço
e carvão
nas oficinas escuras

- porque o poema, senhores,
está fechado:
“não há vagas”
Só cabe no poema
o homem sem estômago
a mulher de nuvens
a fruta sem preço
O poema, senhores,
não fede
nem cheira.

MUSICA AMBIENTE TRANSIÇÃO RUIDOS ELETRONICOS

16. FILMETE DE GULLAR FAZENDO SEUS OBJETOS

Longa entrevista com o poeta que mostra aos espectadores como faz suas colagens em relevo.

“VIAGEM” com efeitos visuais pelos diversos objetos com poesia off declamada pelo próprio Gullar . Inspirado no trabalho do Lionel Katz.

Os versos vão sendo digitados na tela, sobre imagens, com música instrumental em BG - mini clip

“Digo adeus à ilusão

Mas não ao mundo. Mas não à vida,

Meu reduto e meu reino.

Do salário injusto,

da punição injusta,

da humilhação, da tortura,

do terror,

retiramos algo e com ele construímos um artefato

um poema

uma bandeira.”

17. NANINI (com grande foto do Gullar ao fundo) –

Nunca pretendi ser uma unanimidade nem me considero acima de qualquer crítica. Errar, errei muito; a diferença talvez esteja no fato de que costumo reconhecer meu erro, quando é o caso, e trato de buscar o caminho certo. E posso errar de novo, claro. Mas o que fazer? Por isso, afirmei certa vez: não quero ter razão, quero ser feliz.

Eu estava participando de uma mesa na Flip com o escritor palestino Mourid Barghouti, quando alguém perguntou: A palavra ajuda a resolver os conflitos ou a aguçar-los? Épa !

Ele disse que, na maioria das vezes, ela serve mais para confundir as pessoas e deu como exemplo o que ocorre com a guerra entre Israel e os palestinos, quando muitas vezes se inverte o sentido das palavras, chamando de terrorismo o que é resistência ao invasor e de represália o que seria de fato o massacre de inocentes.

Enquanto ele falava, me vinha à lembrança o que ouvira de outras pessoas, que pensavam exatamente o contrário: pretende-se apresentar o terrorismo como ato de legítima defesa e a reação a ele como genocídio.^[L]_[SEP]

Chegada a minha vez de responder, admiti que as palavras às vezes servem para confundir as pessoas, mas servem também para esclarecer as questões - do contrário, viveríamos numa Babel. Elas são apenas um meio, o que importa é a disposição das pessoas, que sempre querem ter razão, sem considerar as razões do outro.^[L]_[SEP]

Palestinos e israelenses alegam ter razão e, enquanto isso, vêm se matando há mais de 50 anos. Acho que eles deviam parar de ter razão e fazer um acordo de paz.

Dias depois, minha namorada veio me encontrar para irmos ao cinema, mas começou uma discussão entre nós, cujo desfecho foi ela pegar a bolsa e ir embora. E eu fiquei ali, cheio de razão, sozinho, e triste para cacete. Então disse a mim mesmo: o que importa não é ter razão, mas ser feliz.

18. Imagens da velha São Luiz

(trilha sonora de época)

Gullar (off)

Quando eu era menino, meu pai, que fazia comércio ambulante, me

levava nas viagens de trem entre São Luís e Teresina. O trem saía de madrugada e, ao amanhecer, cortava o Campo dos Perizes, um vasto pantanal, povoado de garças, marrecos, nhambus, pássaros de todo tamanho e cor. Eu ficava deslumbrado, a cada viagem.

Deslumbramento esse que voltou quando ouvi a "Tocata" da "Bachiana nº 2" de Villa Lobos. Tive o ímpeto, naquele instante, de pôr letra na música, mas não consegui. E não tentei uma vez só, não, mas várias, ao longo dos anos, sem resultado.

Pois bem, em 1975, ao escrever o "Poema Sujo", em Buenos Aires, evoco aquelas viagens que fazia com meu pai e, então, enquanto, antes, era a música de Villa-Lobos que me fazia lembrar das viagens, agora elas é que me fizeram lembrar da "Bachiana nº 2" e, assim, a letra que não conseguira escrever em 20 anos, escrevi em 20 minutos.

19. No telão a letra da musica.

Enquanto sobe letamente a letra da musica entram em cena

ADRIANA, PAULINHO, LAILA E NANINI cantando o TRENZINHO DO CAIPIRA

ADRIANA - Lá vai o trem com o menino

Lá vai a vida a rodar

Lá vai ciranda e destino

Cidade e noite a girar

NANINI - Lá vai o trem sem destino

Pro dia novo encontrar

Correndo vai pela terra

Vai pela serra

Vai pelo mar

OS DOIS - Cantando pela serra do luar

Correndo entre as estrelas a voar

No ar no ar no ar no ar no ar

PAULINHO - Lá vai o trem com o menino

Lá vai a vida a rodar

Lá vai ciranda e destino

Cidade e noite a girar

LAILA - Lá vai o trem sem destino

Pro dia novo encontrar

Correndo vai pela terra

Vai pela serra

Vai pelo mar

TODOS - Cantando pela serra do luar

Correndo entre as estrelas a voar

No ar no ar no ar

VOLTA AO INICIO, com ADRIANA, NANINI, PAULINHO E LAILA
trocando de versos, sempre com os quatro no final.

20. Pequena entrevista com Gullar sobre o espanto da poesia.

FIM